

Afetos e vazios

— JAMYS SANTOS —

intransitiva
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

Afetos e vazios

Jamys Santos —————

Era por volta das 23 horas do dia 24 de dezembro 2016. Uma noite especial naquele país para as famílias que comemoravam o nascimento de Jesus de Nazaré, segundo o calendário cristão. Ou apenas outra noite festiva para algum não-cristão. Esta última era o que achava *Ele*, pois determinava suas escolhas dentro dos acasos diários que se constituíam como uma condição da felicidade. Não que sua posição se enquadrava em algum tipo de ateísmo antipático, mas apenas fingia perder o pouco de tempo que lhe sobrara em tais ponderações.

Ele estava sozinho em casa, pois tinha escolhido, novamente, como alguns anos atrás, não participar daquela noite jocosa. Não estava de todo só. Ou já a tinha apreendida? A quem? A solidão... Que o acompanhava mesmo em uma multidão. Já tinha 35 anos de idade e, até então, não conseguia se familiarizar, mesmo com seus pais, com quem morou toda a sua vida. E até com seus amigos, que poderia encontrar em qualquer esquina.

Desde aquela corriqueira e desgastante questão existencial da juventude, *Ele* nunca voltou aos amigos de antes. Para *Ele*, aquela que chamam de crise foi uma descoberta vital durante as noites de pranto, quando ainda era um calouro no curso de medicina; e na época que ainda mantinha uma namorada que o tratava como uma bengala de apoio moral diante das avalanches de simples acontecimentos.

Anos se passaram. Vidas foram, vieram, e as oportunidades sonhadas e perdidas, fizeram *Dele* um sem valor – para seu espaço-tempo, para sua família, para os poucos ou quase nenhum amigo e, talvez, para si mesmo.

Hoje, *Ele* é sem um diploma e quase sem família, mas um bom vendedor

de sapatos e com o verdadeiro conhecimento técnico das prateleiras que compunham sua paisagem diária. O que constitui um bom vendedor de sapatos? Talvez as perdas, o passado, as andanças e os vazios encontrados à cada tentativa de encaixe.

Ele ainda chorava em algumas noites.

Fugia não só de si naquela noite, mas também do encontro direto dos desejos avulsos que sobrevoavam alguns países com a possibilidade de que o próximo ano seria diferente; um ano de boas realizações que gerariam apenas risos: afetos ruins... *Ele* era infeliz? Escolheu ficar só apenas por não se enquadrar naquela compartilhada cegueira mútua? Ou também fugia das barreiras e muralhas que impediam as suas lágrimas de jorrarem? Fique à vontade! O sentido sempre será seu.

Ele jantara cedo, enquanto assistia a um filme, em canal aberto, com atribuições comerciais, ganhador de prêmios e com pouco a acrescentar às repetidas sensações. Um típico filme – natalino – que fazia o telespectador chorar e refletir condicionado pela força contrária do invisível desejo. O filme não lhe causou danos.

Agora, *Ele* lia, mas desinteressado também estava àquela narrativa romântica do século XVIII. Estava cansado e, pela teimosia de um saber autônomo, achava que era necessário aproveitar um pouco mais a história. Ou ao menos a textura da capa do livro em suas mãos e a permanência da ideia de que *Ele* era especial para o mundo, pois sempre achou que algum tipo de deus o observava, mas não deixava esse pensamento interferir constantemente no seu dia.

Era especial, mas se encontrava sozinho e lia um livro na véspera de natal? Ou agia como um peão de xadrez que nunca seria promovido, daqueles que, sem proteção, morria prematuro sem nenhum tipo de certeza? Ou um caçador solitário à procura de ideias que podem mudar o mundo? Ou

alguém que pode mudar seu mundo? Não! Era apenas *Ele*, mas o sentido sempre será seu.

Mesmo devido às ruas e o céu ainda permanecerem coloridos e com o barulho cego e desconfortante da vizinhança, *Ele* fingia não se importar com toda aquela festividade.

Assim, a noite custou a dormir.

No seu primeiro cochilo diante do que lia, resolveu tomar um pouco de café e fumar um baseado. Uma tentativa de enganar a consciência e abandonar a leitura, sem espírito de culpa ou mesmo de preguiça, como dizia a própria literatura da vida.

O café, que foi feito à tarde, estava frio. Tomou-o mesmo assim e fumou um pouco no quintal de sua casa, enquanto fingia contemplar o céu. Algumas luzes o dominavam, não somente das estrelas, mas também das estimas e pedidos que corriam o espaço infinito. Aquela noite era de pedidos, de desejos, mas também de lágrimas perante as não realizações.

Então, sendo 1 hora e alguns minutos, com o cansaço e o desacordo à vista, *Ele* resolveu dormir.

Agora era a noite que chorava.

Ele praticamente morava em seu quarto. Tinha pouco diálogo com os pais em uma casa razoavelmente espaçosa. Talvez por isso a solidão não tomasse somente *Ele*, a seus pais também. Porém, esses fugiam de si de forma diferente e estavam a comemorar com outra gama de parentes em algum bairro distante.

A casa em que morava era dividida por um frio corredor. De um lado quatro quartos: o primeiro, dos pais, o segundo, das possíveis visitas e o

último, *Dele*. O terceiro pertencia ao falecido irmão e que agora, além de manter algumas velhices e retalhos de costura da mãe, objetos em desuso do pai, parecia ser ainda um quarto habitado por alguém. Do outro lado? Sala espaçosa, banheiro e cozinha. Uma típica casa de conjunto habitacional que, aparentemente, era preenchida por uma alegria harmônica familiar. Aparentemente, mais a fundo, uma alegria social. Aparentemente, em comum, um afeto esperançoso que morria à noite... Quando todos sonhavam com a realidade.

Ele evitava aquele terceiro cômodo por ainda possuir algumas coisas do irmão que falecera aos 11 anos de idade. Uma cama, armário, livros e até alguns brinquedos estavam lá e que, se o Garoto ainda estivesse vivo, depois de algumas complicações provocadas por uma febre maculosa, teria hoje seus 35 anos de idade, e talvez não seria mais um garoto.

Não era saudade. Era o tempo presente que se ausentava.

Em seu quarto, deitado, *Ele* pensava um pouco. Nos seus preparos de sono, ouviu algo fora de seu cômodo. Não sabia distinguir de onde. Resolveu continuar deitado e olhar fulgorosamente o escuro e sentir o vazio do seu ambiente. Mas o som, o ruído ou o grito mudo que agora parecia ser uma respiração, batimentos cardíacos, choro, lamento... Continuou.

Ele se levantou e, descalço resolveu andar pela casa.

Percebeu que o piso fora do quarto estava muito frio. Mesmo na madrugada *Ele* achou aquela sensação estranha. Contudo, seguiu. Abriu o quarto das visitas e o dos pais. Nada encontrara. Caminhou pela casa. O som diminuiu. Acendeu as luzes. Foi até a porta de casa e nada vira. Apenas ainda um pouco de sorrisos dos vizinhos que nesse momento já estavam alegres e norteados pelos vinhos, uísques, cervejas.

Retornou. Olhara o relógio na sala e: – Como? Ainda uma hora? Não entendera bem e olhou atentamente. O relógio parara.

Enquanto voltava ao seu quarto, percebeu que o chão e as paredes do corredor estavam impecavelmente limpos. Lembrou a sujeira que uma vez outrora o seu irmão e *Ele* faziam quando brincavam pela casa. Parou de frente aquele quarto. *Ele* se viu naquele momento muito nervoso e, talvez, perdido. Ou achado?

Uma pergunta o dominou toda a vida.

Abriu a porta do quarto e a respiração perdida começou a ficar mais aparente. Acendeu a luz e em uma visão geral do quarto, nada encontrou. Os brinquedos ainda permaneciam espalhados no chão como há 24 anos. O quarto estava muito limpo, mas um pouco bagunçado. Ali, o chão não estava mais frio, mas sim ameno e sombrio com as poeiras inquietas, como se alguém habitasse aquele espaço.

Ele sentou na beira da cama que ficava no meio do quarto. A respiração, com a qual *Ele* não mais se preocupava, agora parecia se juntar às lágrimas que faziam parte da essência daquele lugar. *Ele* levantou um pouco a cabeça para direita e olhou para o espelho. Lá estava...

Levantou e ficou de frente ao espelho. Viu-se de frente à sua própria imagem, a qual não somente o olhava e respirava fundo, mas, com a aparência perdida em si, chorava. Um lamento profundo como jamais sentira causava certo desequilíbrio das pernas; as perguntas recorrentes do seu dia pareciam se extinguir. Entendeu os porquês das dores, das lágrimas, das vontades e dos querereres.

Nada era *Dele*?

No espelho, ele estava. *Ele* não se assustara. Era um olhar curioso e satisfeito. Um paradoxo que fazia questão atentamente por passar. Compreendera as nuances de si e percebera que as lágrimas, agora, caíam *Dele* mesmo. Derrotado por um cansaço que estava ao seu lado, como uma

mão acalante e invisível, caiu no chão. E todos os sorrisos e músicas daquela noite tinham sumido. As luzes do céu agora eram apenas luzes. Os sonhos foram acordados. A vida voltou a ser o que achava que era. *Ele* estava morto. Parado. O espelho se quebrara em silêncio.

A casa dos pais permanecera como antes. Limpa como se não houvesse vida. Surda como se não houvesse som. Digna como se não houvesse pergunta. O chão ainda estava frio e o vento matinal agora entrara pelas pequenas brechas da esperança. O dia 25 de dezembro de 2016 acordou. Os presentes corriam as mãos em vários cantos do planeta e os abraços ainda não eram confortados. Os sorrisos eram estáticos. Os olhos, sem brilhos. E os afetos ainda eram.

Vazio.

Sobre o autor

Ele tem grande apreço pelas possíveis relações entre filosofia, literatura e cinema, tentando sempre extrair dessas um canto vazio para que possa ensurdecer seus companheiros e companheiras ao longo dos acasos e acontecimentos diários. Reside atualmente em São Luís, mas oportunamente na imaginação, sem sair, sempre que possível, da realidade.